

**QUANDO AS MULHERES ERAM DRAGOAS: UMA ANÁLISE DA OBRA DE
KELLY BARNHILL SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA
JUNGIANA**

**WHEN WOMEN WERE DRAGONS: AN ANALYSIS OF KELLY BARNHILL'S
WORK FROM THE PERSPECTIVE OF JUNGIAN ANALYTICAL
PSYCHOLOGY**

Débora Almeida de Oliveira¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra *Quando as mulheres eram dragoas* (2024), obra escrita pela autora Estadunidense Kelly Barnhill, lançada nos Estados Unidos em 2022. O estudo se dá com ênfase nos trabalhos de Carl Jung, dentro de uma perspectiva psicológica analítica. Pretende-se mostrar como as questões da sombra, persona e ego permeiam a obra. É possível inferir que as personagens femininas cujo ego se identifica em excesso com as personas sociais mãe, esposa e mulher decente acabam por suprimir sua sombra, enquanto aquelas que a abraçam se tornam dragões e rompem as amarras impostas pelos valores morais impostos na sociedade americana da década de 50. Sendo assim, o dragão é lido como uma imagem arquetípica da sombra e como um símbolo de libertação.

Palavras-chave: *Quando mulheres eram dragoas*, Jung, arquétipo, símbolo

ABSTRACT

The present work aims to analyze the work *When women were dragons* (2024), a work written by American author Kelly Barnhill, released in the United States in 2022. The study focuses on the works of Carl Jung, within an analytical psychological perspective. The aim is to show how questions of shadow, persona and ego permeate the work. It is possible to infer that the female characters whose ego identifies excessively with the social personas mother, wife and decent woman end up suppressing their shadow, while those who embrace it become dragons and break the bonds imposed by the moral values imposed in American society. 50s. Therefore, the dragon is read as an archetypal image of the shadow and as a symbol of liberation.

Keywords: *When women were dragons*, Jung, archetype, symbol

¹ Doutora em Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.
E-mail: debora.oliveira@osorio.ifrs.edu.br

1 Introdução

Kelly Barnhill é uma escritora Estadunidense que, por muito tempo, se identificou autora de literatura infantil e juvenil, embora a autora tenha escrito alguns contos para o público adulto. Entre suas obras mais conhecidas estão *O filho da feiticeira* (2014), *A garota que bebeu a lua* (2016) e *A ogra e os órfãos* (2022), sendo os dois últimos finalistas de prêmios literários na categoria melhor livro para o público jovem. *Quando as mulheres eram dragoas* (2022) é seu primeiro romance para o público mais velho, escrito “por acidente”, como a autora afirma em entrevista ao explicar por que não gosta de escrever para essa audiência:

Escrevi *Quando as mulheres eram dragoas* por acidente, então não, escrever um romance para adultos nunca foi realmente o objetivo. Durante anos eu disse que nunca escreveria um romance para adultos porque os adultos são chatos – e mantenho isso. Ou pelo menos a segunda parte. Dito isto, meus contos também eram para adultos, então não é totalmente estranho. Na verdade, porém, acho que não cabe a nós decidir que tipo de público a história exige, e eu nunca teria a pretensão de dizer aos meus livros o que eles devem fazer. (BARNHILL, Kelly. Informação oral, 2023)²

De fato, *Quando as mulheres eram dragoas* é uma narrativa que requer um público mais maduro do que o infantil, mas, por outro lado, ela ainda conversa com o público adolescente na medida em que a protagonista Alex Green conta sua história desde sua infância até seu amadurecimento, passando por situações como primeiro amor, descoberta da própria sexualidade, negligência paterna, falecimento da mãe, cuidados com a prima menor e manutenção dos estudos em um ambiente escolar hostil à meninas que ousavam sonhar com carreiras profissionais na sociedade dos Estados Unidos em meados de 1950, ao invés de se contentarem com tarefas domésticas.

No entanto, mais do que um romance de formação, *Quando as mulheres eram dragoas* apresenta ao leitor uma história de resistência e resiliência feminina diante das normas de conduta que regiam o comportamento das mulheres daquela época. A obra foi lançada nos Estados Unidos em 2022 e traduzida para o português em Portugal com

² Do original: I wrote *When Women Were Dragons* by accident, so no, writing a novel for grown-ups was never really the goal. I had said for years that I would never write a novel for adults because adults are boring—and I do stand by that. Or at least the second bit. That being said, my short stories were also for grown-ups, so it's not entirely out of character. Really, though, I think it's not for us to decide what sort of audience the story requires, and I would never presume to tell any of my books their business.

o título de *Quando as mulheres eram dragões*: oprimidas, libertadas, renascidas. Já no Brasil, o livro teve como tradução o título *Quando as mulheres eram dragoas*, sendo lançado em 2024. A menção à tradução de Portugal é relevante na medida em que o subtítulo anexado ao título original acaba por resumir do que a narrativa trata em seu cerne: libertar-se da opressão e renascer.

A narração inicia com o suposto testemunho de um monge acerca da existência de dragões e uma citação literária de uma autora sobre sua vontade de se tornar uma dragoa. Na página seguinte, entendemos que o obra em nossas mãos é um relato de memórias. Lê-se: “Quando as mulheres eram dragoas. Relato verdadeiro da vida de Alex Green – Física. Acadêmica. Ativista. Ainda humana. Um livro de memórias – ou algo assim” (Barnhil, 2024, p. 09). Todas as linhas dessa fala são possíveis de se compreender de forma literal, exceto “eram dragoas” e “ainda humana”. A primeira impressão é a de que se trata de uma metáfora, porém, em breve o leitor descobre que tudo nessa apresentação é literal no que diz respeito aos acontecimentos que se desenvolvem. De início é apresentada uma carta de uma mulher que parece estar se despedindo antes de cometer um assassinato, já que ela estaria cansada de ser brutalizada pelo marido perverso. Ela diz: “[...] irei me encarregar dele. Com garras e dentes. A injustiçada se torna a portadora de um fogo celeste e justo. [...] Não me arrependo de nada [...] serei uma mera sombra que passa pelo céu: fugaz, ligeira e completamente pregressa.” (Barnhil, 2024, p. 11). Ao final da carta, lemos o trecho da palestra de um cientista que, comentando a carta, afirma:

Excerto de carta escrita por Marya Tilman, dona de casa da cidade de Lincoln, estado de Nebraska. Marya é o primeiro caso cientificamente comprovado de dragonização espontânea ocorrido nos Estados Unidos antes da Dragonização em Massa de 1955 – data também conhecida como Dia das Mães Desaparecidas. [...] As informações e os dados referentes ao caso da senhora Tilman foram suprimidos pelas autoridades. [...] não houve cobertura do caso em nenhum jornal sequer – nem local nem nacional –, e todos os estudos organizados para pesquisar o fenômeno foram impedidos tanto de obter financiamento quanto de serem publicados. Cientistas, jornalistas e pesquisadores foram demitidos e entraram na lista proibida apenas por terem feito perguntas a respeito do caso Tilman. (Barnhil, 2024, p. 11)

Após o discurso do cientista, percebe-se que a carta não contém apenas metáforas, como ser a “portadora do fogo celeste” e “ser uma mera sombra que passa no céu”. A autora da carta realmente se tornou um dragão, matou o marido e voou para o

céu. Incrivelmente, as autoridades governamentais usam de seus recursos de Estado e abafam o caso, destruindo a reputação acadêmica e profissional de quem estiver disposto a investigar os casos que envolvem mulheres, literalmente, se transformando em dragões. Sabemos, no mesmo discurso, mais adiante, que tal situação levou à criação de grupos clandestinos que pesquisam e documentam o fenômeno conhecido como dragonização.

Embora toda a sociedade tenha se calado, mesmo diante de fatos testemunhados, o processo de dragonização continua a acontecer. As pessoas acabam por encarar esse fenômeno como algo vergonhoso, feminino e proibido de ser mencionado em conversas, mesmo que casuais. É nesse contexto da sociedade americana da década de 50, em que mulheres aleatoriamente se transformam em dragões e partem para nunca mais voltar (até metade do livro elas nunca haviam voltado), que conhecemos Alex Green, uma menina de quatro anos de idade que vive em uma casa com seus pais. Nessa idade, ela vê seu primeiro dragão, na figura de uma vizinha idosa e viúva que acabara de se transformar em seu quintal. A figura misteriosa lança voo e Alex jamais compartilha essa experiência, cujo significado ela só compreenderia, verdadeiramente, muitos anos mais tarde. A partir de então, acompanhamos Alex desde sua infância até sua idade avançada, momento em que ela escreve seu livro de memórias (o mesmo que lemos) a fim de deixar seu relato para a posterioridade. Através de suas observações e, principalmente, através dos discursos do cientista Gantz, cujos apontamentos Alex lê em um livro de circulação proibida, podemos entender a dinâmica social que permeia a existência e o banimento das mulheres que tinham “uma sensação de que o lado de dentro é maior do que o de fora.” (Barnhill, 2024, p. 170).

O dragão na obra é, aqui, interpretado de duas formas: como uma imagem arquetípica da sombra e como um símbolo. Tais conceitos são trabalhados de acordo com as formulações de Carl G. Jung. Psiquiatra suíço considerado o pai da psicologia analítica, ele (re)elaborou alguns dos conceitos mais conhecidos na área da psiquiatria e psicologia, a exemplo de inconsciente coletivo, arquétipo, persona, sombra, símbolo e individuação. Tais termos serão recorrentes nesta possibilidade de interpretação de *Quando as mulheres eram dragoas*.

2 O dragão como imagem arquetípica da sombra

Na psicanálise tradicional, segundo Freud, o inconsciente seria o repositório dos conteúdos individuais que são reprimidos ou esquecidos. Nele estão contidas lembranças e memórias que não estão ao alcance da consciência, portanto, os processos mentais que surgem a partir do inconsciente não são percebidos pela nossa percepção consciente do mundo e da realidade. Freud, assim, formula a ideia de um sujeito não centrado em torno da consciência, mas, sim, dividido. Freud explica que as ideias, mesmo reprimidas no inconsciente, podem produzir efeitos e chegar no nível da consciência.

Aprendemos com a psicanálise que a essência do processo de repressão não está em pôr fim, em destruir a ideia que representa um instinto, mas em evitar que se torne consciente. Quando isso acontece, dizemos que a ideia se encontra num estado ‘inconsciente’, e podemos apresentar boas provas para mostrar que, inclusive quando inconsciente, ela pode produzir efeitos, incluindo até mesmo alguns que finalmente atingem a consciência. (Freud, 1914-1916, p. 195)

C. G. Jung, tido como principal discípulo de Freud, aceita o conceito de inconsciente Freudiano, que seria um espaço abstrato de conteúdos exclusivamente pessoais. Para Jung, porém, além desse inconsciente pessoal, haveria na psique humana uma camada mais profunda, denominada de inconsciente coletivo, que seria o repositório de conteúdos psíquicos (sentimentos, lembranças e pensamentos) compartilhados por toda a humanidade, consistindo em uma transmissão ancestral de ideias comuns a todo homem.

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. (Jung, 2002, p. 53)

A definição de inconsciente como prevê Jung é importante para que se analise o processo das transformações em dragões, que ocorrem na obra de Kelly Barnhill. Afinal, o dragão é considerado, em um primeiro momento, como imagem arquetípica da sombra, um dos arquétipos que jazem em nosso inconsciente coletivo. Para Jung, os arquétipos são “imagens primordiais” (2002, p. 87) cujas formas herdamos sem

conteúdo, como moldes para nosso comportamento e pensamentos, em todas as culturas, cabendo a nós, de forma individual, preenchê-los com nossas experiências pessoais. Entre os arquétipos que residem em nosso inconsciente coletivo encontra-se a sombra, cujo repositório guarda os aspectos reprimidos de nossa personalidade. Tais aspectos, podendo ser de natureza positiva ou negativa, são escondidos da consciência, que mostra para a sociedade a persona, ou seja, o lado que divulgamos para sermos socialmente aceitos. Segundo Stein:

[o] par dessas subpersonalidades divergentes, a sombra e a persona. São estruturas complementares e existem em toda a psique humana. Ambas foram denominadas de acordo com objetos concretos na experiência sensorial. A sombra é a imagem de nós próprios que desliza em nossa esteira quando caminhamos em direção à luz. A persona, o seu oposto, é o nome inspirado pelo termo romano para designar a máscara de um ator. É o rosto que usamos para o encontro com o mundo social que nos cerca. (Stein, 2017, p. 106)

A narrativa de *Quando as mulheres eram dragões* mostra o dragão como um ser alado capaz de habitar as regiões profundas do oceano ou de lançar voo para fora da Terra e habitar outros planetas, explorando as galáxias. Importante lembrar que um arquétipo é intangível e abstrato, portanto, sua realização na Literatura recebe a denominação de imagem arquetípica. Sendo assim, o dragão na obra de Barnhill pode ser encarado como uma imagem arquetípica da sombra. Para tal análise, é dado foco nas seguintes personagens femininas, que decidem acolher ou negar o chamado que lhes faz virar um dragão: A sra. Green, sua irmã Marla, Alex (filha da Sra. Green) e Beatrice (filha de Marla).

Alex mora com os pais, Sr. e Sra. Green, no estado de Wisconsin. A irmã de sua mãe, tia Marla, sempre que pode, conta como a Sra. Green havia sido a melhor aluna do curso de matemática, expressando orgulho e raiva por não ter visto a irmã se colocar melhor na vida, aproveitando seus estudos para ir atrás da sonhada carreira de contadora. O pai de Alex, porém, tem uma ideia diferente acerca da esposa, pois ela havia sido sua secretária e largara esse trabalho para se casar com ele e cuidar dos afazeres domésticos. O seguinte diálogo é uma mostra da tensão que existe entre a opinião de Marla, que se mostra uma mulher não conformada com o papel social esposa/mãe, e seu cunhado, a quem Marla considerava “um palerma sexista e inútil” (Barnhill, 2024, p. 269):

– Você sabia que a sua mãe, a sua mãe aqui, se formou como a primeira da turma, mas que o Departamento de Matemática se recusou a lhe dar um diploma com louvor por ela ser mulher? [...]

– Isso não tem importância – disse meu pai, abanando a fumaça, bravo.

– Alexandra, vá para a sala de estar. – Ele olhou feio para minha tia. – Que importância têm os problemas e artigos acadêmicos dela? Que importância têm louvores e prêmios? Ninguém se lembra dessas coisas. Qual a utilidade de um diploma universitário para alguém que é perfeitamente feliz cuidando do lar adorável que tem? Um desperdício tolo de dinheiro, se quer saber minha opinião. E de tempo. E para quê, sério? Ela tirou a vaga na faculdade que poderia ser de um rapaz inteligente, com um futuro brilhante, que provavelmente teria produzido algo útil. Na minha opinião, é um desperdício. (BARNHILL, 2024, p. 32 – 33)

O pensamento do Sr. Green é expresso, de modos diferentes, por vários outros personagens masculinos ao longo da narrativa, inclusive, através de suas ações, como professores que dão ênfase para a educação dos meninos e negligenciam as meninas na escola/faculdade. A rígida estrutura dos papéis de gênero, porém, também ganha algumas mulheres como defensoras, sendo a Sra. Green uma de suas postulantes. É possível perceber que a Sra. Green assume uma persona, a de esposa e mãe, cuidadora do lar e do marido. Enquanto tal, ela não se permite ser nada além disso, e evita o assunto sobre dragões. A Sra. Green, afeita ao papel de esposa tradicional, no entanto, apresenta apenas uma resistência ao papel social que lhe é imposto: sua filha Alex era educada para seguir com seus estudos. Assim, escondida do marido, ela e Marla guardam dinheiro no banco em nome de Alex. Fora essa concessão, ela também não gosta quando Marla insiste comentar sobre seu passado acadêmico de sucesso.

A relação entre as duas irmãs é essencial para o desenvolvimento da menina Alex, assim como para se entender o dragão como sombra. A Sra. Green deixa de lado todas as suas qualidades e defeitos que não são compatíveis com a persona que ela encarna, reprimindo o chamado que, como vemos na narrativa, todas as mulheres seriam capazes de ouvir. Assim sendo, ela reprime tudo aquilo que poderia escapar da persona que ela encarna para a sociedade, além disso, fazendo que Alex, desde muito cedo, aprenda a fazer o mesmo. Ao reprimir o dragão que mora dentro de si, impedindo-o de escapar e tomar posse de sua vida, a Sra. Green tenta manter absoluto controle da filha e, também, da irmã, com quem tem brigas constantes por não aceitar que a irmã seja solteira e sem filhos. Essa briga entre persona e sombra travada pela Sra.

Green ocorre porque ela não acolhe outros aspectos de sua personalidade, que é ambivalente, plural e capaz de condensar aspectos positivos e negativos. A personagem se obriga a se resumir seu eu no compromisso (ser mãe) que fez com a sociedade, como se percebe na definição de Jung:

[...] a persona não passa de uma máscara da psique coletiva. No fundo, nada tem de real; ela representa um compromisso entre o indivíduo e a sociedade, acerca daquilo que alguém parece ser: nome, título, ocupação, isto ou aquilo. De certo modo, tais dados são reais; mas, em relação à individualidade essencial da pessoa, representam algo de secundário, [...]. (Jung, 2014, p. 13)

A Sra. Green, em seu empenho para rejeitar a sombra, usa uma pulseira feita de barbante com um nó que, ao longo da narrativa, descobriremos que é algo usado para manter o dragão afastado. Assim sendo, ela obriga a filha a usar uma também quando Marla, após deixar de usar a própria pulseira de forma proposital, acaba se tornando um dragão. Na visão da Sra. Green, o dragão representava algo maléfico, avesso ao modelo correto de ser, no caso, uma esposa. Ela não consegue perceber que havia reprimido muitas de suas qualidades, como criatividade, dedicação aos estudos e inteligência com números, jogando para a sombra muitos aspectos positivos de sua personalidade, mas que conflitam com a persona. A fala do marido nos mostrou que mulheres inteligentes são um desperdício, já que o papel social mãe/esposa não tem necessidade de tal atributo. Assim sendo, a Sra. Green não consegue atingir seu processo de individuação, ou seja, integrar a sombra à sua consciência. Sobre o processo de individuação, segundo Silveira: “No processo de individuação, torna-se consciente o material da sombra. Lançar luz sobre os recantos escuros tem como resultado o alargamento da consciência.” (Silveira, 1981, p. 96).

Importante considerar que, mesmo que a personagem quisesse se deixar dominar pelo dragão, ela teria que abandonar sua vida, pois os dragões voavam para nunca mais serem vistos (até aquele momento). Seu maior impedimento é a filha Alex, e é por causa dela que a Sra. Green não vai embora e abandona o marido adúltero, com quem mantém um relacionamento de pouca afetividade. De certa forma, buscar a própria individuação, abraçando sua sombra e trazendo à tona o dragão, significaria abandonar a filha, o que leva a mãe a se refugiar na persona e abandonar a sombra, com suas qualidades saudáveis e com seus defeitos.

Quando um câncer acaba ceifando sua vida, na época em que Alex tinha completado quinze anos, uma grande dúvida é levantada por Alex e, mais tarde, pela tia: a personagem teria sobrevivido ao câncer se ela tivesse se transformado? Simbolicamente, essa é uma dúvida muito coerente, pois, talvez, possa se especular que a repressão de aspectos necessários à nossa psiquê pode, inclusive, causar adoecimento e, em casos graves, até mesmo a morte. Esse conflito entre persona e sombra é relatado por Stein (2017, p. 08): "Como pode alguém ser livre, único e individual, tendo que ser também, ao mesmo tempo, aceito e querido pelos outros, acomodando-se aos desejos e necessidades deles?" (Stein, 2017, p. 08).

Marla, assim como a irmã, também joga para a sombra aquilo que não combina com sua persona, como a sua homossexualidade. Entretanto, Marla é uma mulher forte, questionadora em relação ao papel social de submissão ao marido. Ela deixa claro sua raiva, frustração e descontentamento com o casamento quase de aparências da Sra. Green, bem como se comporta diferente das outras mulheres, usando calças compridas, macacão e botas, além de ocupar o mesmo espaço que os homens em uma oficina mecânica (sendo, inclusive, a melhor nos consertos). Mesmo assim, Marla, quando mais jovem, recusou-se a ir embora e seguir sua namorada, transformada em um dragão por estar muito feliz. Ela pensou em seguir seu amor, mas a necessidade do sustento e criação da irmã órfã acabou sendo prioridade. Já adulta e casada, a Sra. Green se recusa a aceitar o estilo de vida de Marla, embora a ciência acerca da sexualidade da irmã não fique clara na obra. Anos mais tarde, Marla se casa e tem uma filha, Beatrice. Assim, por um longo tempo, Marla também se recusa a ouvir o chamado, embora, em situações de estresse, ela dê indícios de que está à beira de se transformar ao mostrar uma fúria que lhe faz brilhar e queimar. A cena da briga das irmãs mostra como Marla se deixou levar pela pressão social e reprimiu, na sombra, sua homossexualidade e vontade de ser livre das amarras de um casamento com um homem:

[...] pouco antes de a porta de casa se escancarar e de tia Marla sair, pisando firme, minha mãe ficou parada na varanda da frente, gritando para a irmã, que se afastava:

– Volte quando resolver ter uma vida normal! Arrume um marido. Tenha filhos. Talvez, então, possamos ser amigas de novo!

Minha tia não se virou para ela. Vi o peito de Marla se expandir, segurar o ar e se contrair lentamente. Ela ergueu o rosto para o céu.

– Tudo bem – disse, por fim. – Vou ver o que posso fazer. [...]

Um dia, minha tia fez exatamente o que minha mãe pediu. Ela se casou. Com um bêbado indolente. Eu tinha apenas 6 anos, mas até eu sabia que essa era uma péssima ideia – em primeiro lugar, porque ouvi todo mundo dizer isso. E, apesar disso... Agora, Marla era a esposa de alguém. E, cumprindo sua palavra, mamãe voltou a ser amiga dela. Mais ou menos. (Barnhill, 2024, p. 28 – 29)

Em outras palavras, Marla sacrifica seu eu para se adequar às expectativas sociais, de modo muito semelhante ao que faz sua irmã. Exatamente como disse Jung (2014, p. 14): “A construção de uma persona coletivamente adequada significa uma considerável concessão ao mundo exterior, um verdadeiro auto sacrifício, que força o eu a identificar-se com a persona.” Marla, ao contrário da irmã, não consegue controlar sua sombra por muito tempo. Do casamento infeliz com o marido, ela dá à luz uma menina, Beatrice, por quem Alex nutre um amor incondicional. Quando Beatrice ainda é bebê, Marla se despede da filha e, conscientemente, se transforma em um dragão, matando o marido e voando para longe. Após esse incidente, a Sra. Green adota Beatrice como filha e ela passa a ser considerada irmã de Alex. Tal situação somente é possível porque existe um apagamento social das mulheres que se transformaram, e Beatrice é, então naturalmente encarada por todos como a irmã mais nova de Alex.

Marla, ao se transformar em um dragão e matar o marido, entregou-se ao lado patológico da sombra. Ela poderia ter evitado essa morte, já que outras mulheres, ao longo da narrativa, também se transformaram e decidiram não matar seu desafeto masculino (que podia ser qualquer um, não necessariamente a figura do cônjuge). É importante ressaltar, porém, que Marla irá retornar após a morte da irmã, trazendo consigo a companheira que havia perdido em sua juventude. Sua nova roupagem, como dragão, incomodará grande parte da sociedade, ao mesmo tempo em que conquistará o respeito e a defesa de muitos grupos, que lutarão pelo pleno direito à cidadania para todas as dragoas que terão retornado. É possível perceber que, em seu retorno, Marla, transformada em dragão, utiliza todas as características da sombra em seu potencial positivo. Ela ajuda Alex a criar Beatrice (já que o pai havia casado novamente e enviado Alex para morar sozinha e cuidar de Beatrice por conta própria), além de ajudar outras mulheres dragoas a se reconectar na sociedade.

Alex e Beatrice, após a morte da Sra. Green, acabam se tornando um peso para o pai, que constitui nova família com a secretária, com quem veio a ter dois filhos. Aos quinze anos, Alex assume Beatrice como sua irmã e vai morar em um pequeno

apartamento longe de casa. Sustentada pelo dinheiro que o pai envia até que ela complete o ensino médio, ela não conversa com ninguém sobre sua situação, enquanto o pai finge para a escola a vizinhos que ainda mora com as meninas. Alex, profundamente impactada pela morte da mãe e abandono da tia, não consegue ouvir o chamado que pode transformá-la também. A repressão de sua sombra é maior que a de sua mãe. No caso da Sra. Green e de Marla, o chamado foi reprimido, mas ambas o ouviam. Já Alex, em situação alguma, consegue sentir o chamado, nem em momentos de alegria e nem em momentos de tristeza ou ódio, sentimentos esses que serviram de gatilhos para transformações de outras personagens. O fato que permanece é que todas as mulheres poderiam se transformar se quisessem, mas, por algum motivo, Alex não consegue se conectar ao seu lado da sombra. Em uma conversa com Marla, quando ela retorna já transformada, revela essa verdade acerca da condição feminina:

- Eu já lhe falei. Há muito tempo, quando você era pequena. É magia, pura e simples. Todas nós temos um tanto. Que nos chama. O tempo todo, na verdade, mas para algumas o chamado pode ser mais alto do que para outras. E algumas de nós conseguem ignorar com mais facilidade do que outras. Anos atrás, o chamado foi muito alto, um lamento insistente, ecoando pelo país inteiro. Nunca fora tão alto, e de fato ninguém sabe por quê. Muitas de nós atenderam por motivos que deveriam ser bem óbvios. Milhares e milhares de nós deram esse salto. Todas ao mesmo tempo. Fui chamada, atendi e não olhei para trás. Sua mãe também poderia ter feito isso: ela também foi chamada. Talvez, quase tenha feito. Para mim, é impossível dizer. O que eu sei é que sua mãe deveria ter atendido ao chamado. Mas não atendeu. E agora, estamos aqui. (Barnhill, 2024, p. 229)

Talvez seja possível afirmar que Alex não se recuperou da morte da mãe, da ausência da tia, da negligência do pai e, acima de tudo, não se preparou para se afastar de Beatrice. O exemplo da mãe também é um forte fator, pois, como se percebe nas palavras a seguir, na concepção de Alex sua mãe não havia partido porque havia escolhido cuidar da filha e manter a vida que tinha. Certa vez, ao conversar com Beatrice, Alex disse:

– Era uma vez duas irmãs. As duas eram boazinhas. As duas eram malvadas. Em partes iguais. Cuidavam uma da outra e se esforçavam muito. Ambas davam tudo de si e, na maioria das vezes, isso bastava. Elas se amavam tanto, tanto... Um dia, ouviram o chamado das dragoas. “Venham conosco”, disseram as criaturas. “Venham brincar conosco. Ser como nós.” As dragoas ficaram chamando, chamando, não calavam a boca. Uma das irmãs respondeu ao chamado. Despiu-se

da própria pele. Abandonou a própria vida. Tornou-se uma dragoa. A outra irmã, não. Ela tinha trabalho a fazer e pessoas para cuidar e coisas para aprender. Amava o mundo e tudo o que havia nele e não queria deixar sua vida para trás. Continuou como era, mas sentia muita falta da irmã, sentia cada vez mais falta, a cada dia que passava, uma grande e crescente tristeza, até que não aguentou mais. O coração dela se partiu ao meio e ela morreu de tristeza. Fim. (Barnhill, 2024, p. 226)

É perceptível que Alex segue o modelo de comportamento feminino que a mãe lhe moldara. Ela precisa cuidar da prima e tem medo de fazer algo que signifique abrir mão da própria vida. Na verdade, aqui podemos entender que tanto a Sra. Green quanto sua filha Alex temem sua sombra e o novo. Ser um dragão na década de 50 significava romper padrões e, conseqüentemente, não circular mais entre aqueles que lutam pela manutenção das diferenças entre gênero. Ser uma pária da sociedade, uma mulher dragão, incorre na perda familiar e na rejeição. Assim sendo, Alex tudo faz para afastar os dragões de sua vida e, para seu grande descontentamento, a prima Beatrice, desde muito criança, já apresentava indícios de que iria se transformar. Embora mais raros, ainda havia casos de meninas se transformando, o que fazia cair por terra a ideia comum da época de que a transformação teria vínculos com a maternidade. Relevante apontar que o ciclo se repete, ou seja, Marla não se entrega ao dragão para cuidar da Sra. Green, esta não se transforma para cuidar de Alex e Alex (que também era homossexual) não vai embora com a namorada para continuar cuidando da prima Beatrice que, por sua vez, teme se transformar e deixar Alex para trás.

Alex, em um comportamento similar ao de sua mãe, tenta impedir Beatrice de se transformar. A menina, a essa altura já convivendo com Marla e mais três dragoas que haviam voltado com a tia/mãe, afirma que é um dragão. Desde jovem, a criança era desafiadora, inteligente, forte e uma líder nata nas brincadeiras e na escola. Ela não se deixa levar pela transformação com muito pesar, pois não queria deixar Alex sozinha. Somente após muitas conversas com Marla, Alex finalmente aceita a decisão de Beatrice, que se transforma apenas depois de saber que Alex estava em paz com sua escolha. No entanto, é importante apontar que Beatrice é a única capaz de mudar de figura, ou seja, ele transita entre o estado dragão e o lado humano. A Sra. Green e Alex rejeitaram sua sombra. Marla acatou seu dragão, e nesse estado ficou para sempre. Beatrice, entretanto, consegue voltar a ser menina, embora o esforço a canse bastante. Mesmo mais velha, ao longo da narrativa, ela será capaz de assumir uma ou outra

roupagem. É possível inferir que Beatrice é, então, a única das quatro personagens (e única na obra) que conseguiu desenvolver completamente o self, não se deixando consumir pelo lado sombrio e nem confundindo seu ego com sua persona, chegando, assim, ao processo final de individuação. Em outras palavras, Beatrice consegue integrar persona e sombra, afinal: “[...] a integração depende da aceitação pela pessoa de si mesmo, da plena aceitação daquelas áreas ou partes de nós mesmos que não pertencem à imagem da persona, a qual é usualmente a imagem de um ideal ou, pelo menos, de uma norma cultural”. (Stein, 2017, p. 123).

3 O dragão enquanto símbolo

É importante considerar, quando se fala na mitologia do dragão, que sua representação Ocidental e Oriental difere consideravelmente. Enquanto no Ocidente temos a imagem do ser demoníaco que jaz nas profundezas das cavernas guardando tesouros, o matador do herói, no Oriente temos o ser conectado à natureza, que traz boa fortuna e sorte aos que o encontram. Mesmo dentro do mesmo mito, percebe-se que na cultura Ocidental o dragão se relaciona à morte, mas, na Oriental, ele se relaciona à vida. A seguir, lê-se uma definição dessa impressão na literatura no *Dicionário de Símbolos* (2001), de Chevalier e Gheerbrant:

O dragão nos aparece essencialmente como um guardião severo ou como um símbolo do mal e das tendências demoníacas. Ele é, na verdade, o guardião dos tesouros ocultos e, como tal, o adversário que deve ser eliminado para se ter acesso a eles. No Ocidente, o dragão guarda o Tosão de Ouro e o Jardim das Hespérides; na China, num conto da dinastia T'ang, guarda a Pérola. A lenda de Siegfried confirma que o *tesouro* guardado pelo dragão é a imortalidade. (Chevalier e Gheerbrant, 2001, p. 349)

Na obra *Quando mulheres eram dragoas* o dragão aparece, na visão da sociedade, em seu viés Ocidental, como algo que deve ser combatido e temido. No entanto, deve-se ressaltar que, em uma representação simbólica, ele também pode ser entendido como algo libertador para as mulheres, na medida em que elas podem se livrar das situações que as limitam enquanto indivíduos. Para melhor entendimento do que seja um símbolo, podemos começar pela explicação de Jacobi, que irá desenvolver esse termo através da perspectiva jungiana: “A palavra símbolo [...] sempre teve que admitir as mais variadas definições [...]; no entanto, todas elas concordavam [...], se queria designar algo que,

por trás do sentido objetivo e visível, oculta um sentido invisível e mais profundo.” (Jacobi, 1957, p. 74-75). Sendo oriundos de estruturas arquetípicas, os símbolos expressam imagens, vivências, situações, experiências humanas que incluem aspectos conscientes e inconscientes, e, como tal, é impossível ter seu significado esgotado. Desse modo, entender o dragão na obra de Barnhill como um símbolo de libertação das mulheres não esgota seu significado, já que, em contrapartida, ele poderia, por exemplo, ser entendido como símbolo de morte ao masculino, na medida em que os homens da narrativa são, via de regra, mortos pelos dragões.

Uma das cenas em que o surgimento do dragão pode ser visto como ferramenta simbólica de libertação feminina diz respeito ao caso de vinte e cinco funcionárias que, em 1952, relataram casos de assédio sexual e possível estupro na empresa em que trabalhavam. No entanto, o caso foi abafado pelas próprias autoridades e, em seguida, o prédio pegou fogo, matando o suposto assediador e as funcionárias. A dragonização e seus indícios não foi noticiada, e a imprensa noticiou o caso como explosão a gás.

E ainda teve o caso das vinte e cinco telefonistas [...] haviam sido registradas inúmeras reclamações [...] tais reclamações eram tão sérias que as autoridades foram chamadas para colher depoimentos e averiguar se algum crime havia de fato sido cometido. [...] Ninguém sabe exatamente o que aconteceu naquela noite de 1952 [...] Todos os seus tijolos foram esmigalhados um por um. Uma busca pelos escombros localizou os sapatos *oxford* muito bem engraxados de Martin O’Leary, e não muito mais. [...] Qualquer vestígio das telefonistas foi perdido na explosão. [...] Ninguém mencionou o fato de que vinte e cinco pares de *scarfins* engraxados, vinte e cinco bolsas e vinte e cinco vestidos tubinho, de diferentes cores, foram encontrados dispostos com capricho na calçada, logo ao lado da cratera que se formou onde antes havia o prédio. Também havia uma placa, escrita com cinzas no que aparentemente era um pedaço de tampo de escrivaninha que fora jogado fora, com cinzas: VESTIDOS JUSTOS PARA MOÇAS QUE BUSCAM JUSTIÇA. USE ATÉ ESTA VIDA NÃO LHE SERVIR MAIS. (Barnhill, 2022, p. 46)

É possível notar que as telefonistas, trabalhando com um assediador, não puderam contar com a polícia e elas mesmas precisaram agir. Simbolicamente, o dragão as libertou na medida em que a nova pele possibilitou a busca pela justiça, já que a pele antiga, a de uma simples mulher limitada pelas imposições patriarcais da década de cinquenta, não poderia almejar algo como punição a homens assediadores. Primeiramente, porque a justiça era escrita por homens que protegiam homens e, em segundo lugar, porque as mulheres estariam trabalhando, ou seja, fora do seu lugar

natural – o ambiente doméstico. Qualquer mulher fora de sua casa era considerada vulnerável em sua reputação, portanto, passível de ataques físicos ou psicológicos, e pouco se poderia fazer em casos de abuso. A necessidade de transcender a si mesma está clara na frase “vestidos justos para moças que buscam justiça”, mas ninguém entendeu essa frase. O caráter transcendente do símbolo é explicado por Henderson:

Assim os "símbolos de transcendência" são aqueles que representam a luta do homem para alcançar o seu objetivo. Fornecem os meios através dos quais os conteúdos do inconsciente podem penetrar no consciente e são também, eles próprios, uma expressão ativa destes conteúdos. Estes símbolos apresentam múltiplas formas e sua importância está sempre patente, tanto faz encontrá-los na história da humanidade ou nos sonhos de homens e mulheres contemporâneos que passam por alguma fase crítica em suas vidas. (Henderson, 2008, p. 151)

Alguns símbolos de transcendência mencionados por Henderson são o dragão alado e a serpente, sendo esta caracterizada, em especial, por sua troca de pele. Henderson ainda afirma que não é fácil ao homem moderno “verificar de que maneira o velho conflito entre os símbolos de contenção e de liberação se relacionam com os seus próprios problemas” (2008, p. 156). De fato, parece que poucos foram os que perceberam a relação entre a dragonização e os problemas enfrentados pelas mulheres da época, e o que a transformação simbolicamente significava em termos de renascimento e busca por uma nova ordem social. Em *Quando as mulheres eram dragoas*, há apenas duas vozes explícitas que, desde o início da narrativa, parecem tecer uma relação simbólica entre a vontade de ser livre e a dragonização; a vontade de trocar de pele e a transformação em uma serpente alada. Os dois personagens que percebem essa estreita simbiose são o Dr. Gantz e sua amiga de longa data, a Sra. Gyzinska, bibliotecária que irá dar suporte a Alex em sua juventude e que irá custear seus estudos quando a menina perde a mãe.

O significado da dragonização, seu sentido, causas, consequências para a sociedade, somente serão amplamente discutidos (e combatidos) quando os dragões retornam de sua jornada e obrigam a sociedade a conviver com sua presença. Até então, todas as mulheres, meninas e aqueles que se sentiam mulheres haviam partido desde o princípio dos tempos em uma peregrinação solitária e nunca mais haviam sido vistos. Ainda lembrando Henderson “Nos mitos ou nos sonhos, uma jornada solitária simboliza, muitas vezes, a liberação da transcendência.” (2008, p. 151). De fato, assim,

que as mulheres se transformavam, se elas não matassem o algoz masculino, sua primeira atitude era levantar voo e partir em sua peregrinação solitária. Bandos de dragões não eram vistos. Quando, em determinado ponto, elas retornam transformadas e decididas e retomar seus devidos lugares na sociedade, inclusive, como mães, filhas ou, até mesmo, esposas, o embate social é imenso, entre aqueles que são contra e a favor das mulheres renascidas simbolicamente.

Considerações finais

Quando mulheres eram dragões apresenta uma narrativa *coming of age*, ou seja, uma obra que narra o amadurecimento de uma menina em adolescente e, posteriormente, sua passagem da adolescência à vida adulta. Através dos olhos de Alex Green, o leitor acompanha o retrato da vida social dos Estados Unidos; da classe média branca em meados da década de 50. A vida das mulheres, em especial, é o foco do romance, e o leitor tem acesso ao núcleo familiar de Alex: sua mãe, seu pai, a tia Marla (irmã da mãe) e a prima Beatrice (irmã da tia). São essas três personagens femininas – mãe, tia e prima – as principais condutoras da ação da obra, visto que os conflitos psicológicos primários relacionados ao desenvolvimento de Alex estão todos relacionados a essas figuras familiares.

No entanto, a obra tem como elemento inovador o fato de que as mulheres, ao longo dos séculos, por razões até então desconhecidas, em determinados momentos se transformavam em dragões e partiam para nunca mais serem vistas. Algumas vezes, matavam os homens que as haviam feito algum mal, outras vezes, apenas iam embora. Em todas as épocas, os acontecimentos foram ignorados e, na década de 50, falar em “dragonização” significava encerrar carreiras acadêmicas e ser encarado como lunático. Qualquer tentativa de falar sobre o assunto era sumariamente censurada pelo governo e pelas autoridades locais, e homens se certificavam que mulheres não tivessem conhecimento sobre possíveis acontecimentos. Famílias que perdiam filhas, esposas ou mães para a dragonização agiam como se tais mulheres jamais houvessem existido.

Frente a esse desenvolvimento da narração, é possível encarar o dragão na obra de duas formas, de acordo com a perspectiva analítica jungiana. Primeiramente, o dragão pode ser visto como uma imagem arquetípica da sombra, ou seja, o dragão pode ser aquela parte que jaz no inconsciente coletivo que carrega nossas potencialidades, tanto construtivas quanto destrutivas, que, por algum motivo, decidimos ignorar ou

reprimir e afastar de nossa consciência, pois tais comportamentos não seriam compatíveis com o aquilo que precisamos apresentar socialmente, no caso, não compatíveis com a nossa persona. A Sra. Green, mãe de Alex, assume a persona de mãe e esposa a tal ponto de se confundir seu ego com sua persona, reprimindo sua vontade de trabalhar como matemática ou qualquer outra vontade que não estivesse alinhada com a persona escolhida. Sua decisão, a de ser mãe e cuidar de Alex acima de qualquer outra prioridade, a impede de se transformar em dragão. Sua irmã Marla, por outro lado, resistiu o máximo que conseguiu, também por uma razão parecida: cuidar da irmã quando os pais morreram. Marla poderia ter se transformado e ter ido embora com a namorada, em uma época quando relacionamentos homoafetivos entre mulheres eram vistos como aberrações. Mesmo assim, Marla ficou ao lado da irmã, se casou e teve uma filha, Beatrice. Entretanto, ao contrário da irmã, Marla não tem seu ego confundido com sua persona, mas, sim, utiliza sua persona como forma de sobreviver em uma época em que mulheres lidavam com muitas limitações sociais. Sendo assim, em determinado momento, Marla dá vazão a sua sombra e se transforma, partindo e, mais adiante na narrativa, retornando com sua antiga namorada, ambas transformadas. Seria possível então, inferir que a Sra. Green reprimiu em sua sombra aspectos que ela considerava inapropriados para apresentar socialmente e sua irmã, a seu pedido, tentou fazer o mesmo. Marla, porém, foi atrás de sua felicidade e buscou, em sua sombra, as potencialidades positivas que a irmã e a sociedade a obrigavam reprimir, como sua homossexualidade e seu trabalho como máquinas e aviões.

Alex e Beatrice, as duas primas, criadas como irmãs, acabam, de certo modo, reproduzindo os conflitos de suas mães. Alex não conseguiu ouvir o chamado dos dragões, possivelmente impactada pela série de eventos que marcou sua criação e juventude. Presa ao seu compromisso de criar a prima como sua irmã mais nova após a morte da mãe, partida da tia e abandono emocional do pai, Alex se apega à Beatrice e suprime em sua sombra sua vontade de ser livre e ir embora com sua namorada de juventude, que reencontra na faculdade. Ela se conforma com uma vida boa ao lado da irmã e ao lado das mulheres dragão que, ocasionalmente, retornam à sua convivência, mas nunca se deixa levar e se torna uma delas. Em outras palavras, Alex, assim como sua mãe, se agarra a persona e reprime a sombra. Já Beatrice, desde criança quer ser um dragão e apenas se contém para não deixar a prima/irmã sozinha. Apenas quando Alex

lhe dá permissão dizendo que ficará bem, Beatrice se permite transformar. Interessante notar, porém, que Beatrice é a única que consegue transitar entre o estado humano e o estado dragão, em uma possível indicação de que ela não se deixou levar completamente pelo lado destrutivo da sombra, completando, portando, o processo de individuação e alcançando o equilíbrio do self.

Simbolicamente, os dragões da obra podem ser vistos como uma representação da libertação das mulheres da narrativa, visto que elas conseguem, através da troca de pele entre o ser humano e a serpente alada alcançar um novo patamar de vida e, consequentemente, de ação. Primeiramente, é importante lembrar que o dragão é visto no Ocidente como um ser maligno e no Oriente como um ser ligado à vida e à boa fortuna. Na obra de Barnhill o dragão é visto pela sociedade americana daquela década como o mal, mas, para as mulheres que se transformaram, ele, simbolicamente, significava a libertação das amarras sociais e limitações impostas pelo sistema patriarcal. Como um símbolo de transcendência, o dragão na obra permite que as mulheres consigam ir além das próprias limitações físicas, e façam aquilo que não poderiam em suas peles humanas: enfrentar homens mais fortes e dispostos a machucá-las em caso de desobediência. Quando elas retornam, totalmente transformadas e dispostas a recuperar seu local na sociedade, elas, simbolicamente, lutam por aquilo que as mulheres lutam até hoje: direitos iguais e respeito.

Referências

BARNHILL, Kelly. *O filho da feiticeira*. Trad. Alves Calado. São Paulo: Galera Júnior, 2016.

BARNHILL, Kelly. *A garota que bebeu a lua*. 5. ed. Trad. Natalie Gerhardt. São Paulo: Galera Record, 2018.

BARNHILL, Kelly. *A ogra e os órfãos*. Trad. Jorge Lima. Portugal: Minotauro, 2022.

BARNHILL, Kelly. *Quando mulheres eram dragões: oprimidas, libertadas, renascidas*. Trad. Ana Pinto Mendes. Portugal: Minotauro, 2022.

BARNHILL, Kelly. *Quando mulheres eram dragoas*. Trad. Lavínie Fávero. São Paulo: Gutenberg editora, 2024.

BARNHILL, Kelly. A conversation with Kelly Barnhill. *Clarksworld magazine*. New Jersey, v. 197, fev. 2023. Entrevista concedida a Arley Sorg. Disponível em: < https://clarkesworldmagazine.com/barnhill_interview/>. Acesso em: 15 out. 2024.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001. 998 p.

FREUD, Sigmund. *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos Sobre a Metapsicologia e Outros Trabalhos (1914-1916)*. Rio de Janeiro: Imago, v. III, 1996. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud – originalmente publicada em 1916).

HENDERSON, Joseph L. “Os homens antigos e os mitos modernos”. IN: JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. 6. ed. Trad. Maria Lúcia Pinheiro. São Paulo: Nova Fronteira, 2008.

JUNG, C. G. *Obras completas de C. G. Jung: Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. V. IX/I. 2. ed. Trad. Paulo César de Souza. Petrópolis: Vozes, 2002.

JACOBI, Jolande. *Complexo, Arquétipo, símbolo na psicologia de C. G. Jung*. Trad. Margit Martinec. São Paulo: Cultrix, 1957.

JUNG, C. G. *Obras completas de C. G. Jung: O eu e o inconsciente*. V. VII/II. Trad. Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: ed. Vozes, 2014.

SILVEIRA, Nise. *Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

STEIN, Murray. *O mapa da alma*. Trad. Álvaro Cabral. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

Recebido em: 24/01/2025

Aceito em: 28/04/2025